

27-02-2025

# POR UMA TÉCNICA DE ABRIR MANHÃS

**Eguimar Felício Chaveiro**

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Um conselheiro quântico poderia explicitar: *“Toda e qualquer troca entre duas pessoas cria uma novidade e nas sutilezas das trocas transcorre a essência da vida”*. Poderia também, sem cogitar nenhum efeito dramático, sintetizar que, em todos os momentos e em todas as situações, só se pode existir – e sonhar – imerso num infinito caldeirão de intercâmbios. Passados alguns anos, passadas algumas décadas, descobre-se a proeza pedagógica das trocas e das sutilezas. Na graduação, eu tive uma professora de estágio que chegava às aulas no sábado pela manhã na praça universitária de Goiânia com rosto, semblante e nariz solares. Com a animação de uma Beth Carvalho numa roda de samba, ou de uma Elis Regina cantando *“Maria, Maria”*, a professora abria os braços como se fosse uma bailarina. Ministrava *“o bom dia”* com intensidade e concentração. O seu *“bom dia”* era um acontecimento, uma sutileza fundamental para o que viria como conteúdo da aula. Numa aula, depois da exuberante chegada, tratou de contar que naquela manhã havia sido abençoada. Quando saiu ao quintal de sua casa com o sol bicando a paisagem, as suas flores estavam tomadas de borboletas. Vendo a dança luminosa das borboletas, antes de puxar estrada em direção à Universidade e nos encontrar, dedicou um tempinho para ver o balé de cores das borboletas que, diante de suas vistas, teimavam em declamar a beleza do universo e da vida. Naquele instante, de singular e florida emoção, recuperou o fôlego e instantaneamente elaborou na consciência a inspiração da cena. Entendia ali que todos moramos – e vivemos – num universo de forças secretas que não explicamos, mas podemos sentir. A lição posterior veio imediata: num universo infinito e misterioso, mais que compreender e ser compreendido, o que resta ao sujeito é abrigar-se nele com profundo respeito e zelo; com admiração e dignidade, descobrindo a irmandade inelutável de tudo que existe no quintal, nas ruas, nas lavouras, nos córregos, na atmosfera, no subsolo, nas choupanas ou nos vãos dos dedos da pianista. Ao narrar o episódio matutino, encantada com o próprio dizer, afirmou ter compreendido, no balé matinal de suas borboletas no quintal, o que era a dimensão do sagrado.

Provavelmente, a minha professora, ex-freira, cândida e inquieta, tinha nos olhos e no coração o que constava de sua experiência religiosa no convento. Mas o seu sagrado, tentou explicar, ultrapassava credos, seitas, instituições, era o sopro misterioso da vida. A cumplicidade encantada de nossa turma, comprovada no silêncio coletivo, abriria as portas para que a professora, inclusa na atmosfera de explícita e irrevogável atenção, aludisse a uma técnica de abrir manhãs. Evocar-se inteiro no dia, estar pronto para a luminosidade do instante, envolver-se com o que é sutil - replicou a professora como se tivesse um mar na voz - depende de que cada pessoa cultive a própria consciência em cada momento. O que veio depois de sua voz foi rasgado: *“Quem não cuida de si, não tem como cuidar de ninguém”*. Começamos a aula naquele sábado com as aquarelas de borboletas do quintal da querida professora. Ou melhor: o pontapé da aula se deu com a sua vibrante narrativa como se abrisse a cortina de um teatro repleto de expectativas. Mais tarde, bem mais tarde, fui saber em Manoel de Barros que o poético, instância de significação de imagens, reside na esfera do íntimo, do ínfimo e do sutil. Eu mesmo, lançando durante décadas no trabalho de aulas, desenvolvi uma percepção. Descobri, vivamente, que a primeira mensagem do professor ou da professora na aula é o rosto. Uma face pode conter várias informações de abrir manhãs, como intensidade, paixão, afeto, disposição, disciplina, concentração, seriedade, simpatia. Essas informações, codificadas em gestos, olhares, piscadelas, meneios, compenetração das pálpebras, andamento da voz, decisão na fala enunciam mensagens que agem nas cordas invisíveis de trocas de energia entre os sujeitos presentes. Quando os quânticos, com esforço de síntese, declaram que *“todo encontro é inesgotável”*, estão defendendo que as trocas são pleitos decisivos na construção da realidade. Diferente e contrária ao empreendedorismo motivacional dos mercadores de emoção, como são os *coaches*, e também contrária ao que hoje se denomina *“toxicidade positiva”*, a descoberta da presença do Outro e da nossa presença em sua orla, é uma forma de compreender a sutileza das trocas. Talvez esse seja o primeiro ponto para uma técnica de abrir manhã. A minha antiga professora, tão ocupada com a beleza e com a grandeza da vida, se preocupava igualmente com a injustiça e com a fome que, na época - e ainda hoje - povoa os territórios existenciais de mais da metade da população mundial. Foi ela que me vendo gaguejar e quase entrar numa torrente de desespero ao ter que fazer uma apresentação pública de um texto, soube enxergar a minha timidez. Depois da aula fomos para um cantinho. Ouvi dela o seguinte: *“Você será um grande professor. Essa timidez vai passar!”* Não sei se aquela observação se fez valer nas minhas aulas durante mais de três décadas. Sei que tive e tenho consciência da técnica de abrir manhãs. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.